



EDECT

II Encontro Internacional Decolonizando a Educação Científica e Tecnológica
III Simpósio Internacional: Educación en Biología y Construcción de Ciudadanías
III Descolonizando Imaginários

03 à 06 de Fevereiro 2026

CFH - Centro de Filosofia e Ciências Humanas - UFSC

SER MULHER PRETA NA CIÊNCIA: AUTOETNOGRAFIA COMO ATO DE RESISTÊNCIA

SER MUJER NEGRA EM LA CIENCIA: AUTOETNOGRAFÍA COMO ACTO DE RESISTENCIA

Amanda Raquel de Oliveira Lima¹; Janaína Kívia Alves Lima²

[Modalidade de apresentação: Online]

Este trabalho problematiza a ausência histórica de mulheres pretas nos espaços de produção de conhecimento científico e o silenciamento sistemático de suas experiências na pós-graduação. Embora as políticas de acesso tenham promovido avanços significativos nas últimas décadas, a permanência de pesquisadoras negras ainda é marcada por desigualdades estruturais, racismo institucional e mecanismos de exclusão simbólica que questionam constantemente sua legitimidade como produtoras de ciência. O fenômeno da solidão da mulher negra na academia, caracterizado pelo isolamento e pela necessidade de constante validação de sua competência, revela como as intersecções entre raça e gênero operam de forma específica no ambiente científico. Diante desse contexto, este estudo propõe refletir sobre o significado de ser mulher preta na ciência, assumindo a autoetnografia como recurso metodológico e epistemológico para compreender como trajetórias pessoais se entrelaçam com processos coletivos de resistência e transformação social.

O objetivo da pesquisa é analisar, a partir da narrativa pessoal, como as dimensões de raça, gênero e afetividade atravessam a formação científica e impactam o percurso acadêmico de uma mulher preta. A autoetnografia é adotada como método central, pois reconhece a relevância da experiência vivida como fonte legítima de conhecimento e valoriza o sujeito pesquisador como parte integrante do processo investigativo. Essa abordagem permite confrontar o mito da neutralidade científica, ressaltando que todo fazer acadêmico é situado e

¹ Programa de Pós-graduação em Ensino e Formação de Professores (PPGEFOP-UFAL); Mestranda do PPGEFOP –UFAL; E-mail: amanda.lima@arapiraca.ufal.br.

² PDPG - Pós-Doutorado Estratégico, junto ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ensino e Formação de Professores - UFAL; Profa. Dra. em Bioquímica e Biologia molecular pelo Programa Multicêntrico em Bioquímica e Biologia Molecular da Universidade Federal de Alagoas (2020); E-mail: janaina.lima@educacao.arapiraca.al.gov.br



EDECT

II Encontro Internacional Decolonizando a Educação Científica e Tecnológica
III Simpósio Internacional: Educación en Biología y Construcción de Ciudadanías
III Descolonizando Imaginários

03 à 06 de Fevereiro 2026

CFH - Centro de Filosofia e Ciências Humanas - UFSC

marcado pelas condições sociais, históricas e culturais de quem o realiza, questionando assim os paradigmas positivistas que historicamente excluíram as vozes negras da produção científica.

O percurso metodológico da autoetnografia compreende a produção de narrativas reflexivas da própria trajetória acadêmica e profissional, desenvolvidas através de registros autobiográficos, memórias e reflexões críticas sobre momentos significativos da formação científica. Essas narrativas autoetnográficas são construídas em diálogo crítico com referenciais teóricos de intelectuais negras como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Bell Hooks, além de contribuições da pedagogia crítica de Paulo Freire. Essa triangulação entre vivência pessoal, teoria e análise crítica possibilita iluminar práticas de exclusão e invisibilização, mas também estratégias de permanência e resistência no espaço científico, articulando dimensões subjetivas e coletivas da experiência de mulheres pretas na academia.

De forma preliminar, ressalta-se, a partir da construção da narrativa autoetnográfica da pesquisadora, as marcas de exclusão, solidão acadêmica e a constante necessidade de legitimação no espaço científico. Esse processo narrativo, ainda em desenvolvimento, tem possibilitado identificar, a partir da experiência pessoal, como raça, gênero e afetividade atravessam a formação acadêmica. O testemunho autoetnográfico, nesse contexto, se apresenta como uma estratégia fundamental de valorização de saberes e de fortalecimento das vozes negras no campo científico e educacional, contribuindo para a construção de uma ciência verdadeiramente plural, democrática e comprometida com a transformação das desigualdades sociais. Em etapas posteriores, pretende-se aprofundar a reflexão crítica sobre essas vivências, articulando-as de modo mais amplo com os referenciais teóricos e com outras vozes negras que desafiam os paradigmas hegemônicos da ciência. Nesse horizonte de análise, torna-se possível compreender que tais experiências não se restringem ao âmbito individual, mas dialogam com a luta coletiva das mulheres negras na ciência, o que conduz à reflexão final: ser mulher preta na ciência significa resistir diariamente às ausências históricas e reivindicar uma forma de produzir conhecimentos que integrem a identidade, memória e o compromisso social.

Palavras-chave: mulher preta; autoetnografia; ciência; resistência; interseccionalidade.

Palabras-clave: mujer negra; autoetnografía; ciencia; resistencia; interseccionalidad.

Referências

- CARNEIRO, S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.





EDECT

II Encontro Internacional Decolonizando a Educação Científica e Tecnológica
III Simpósio Internacional: Educación en Biología y Construcción de Ciudadanías
III Descolonizando Imaginários

03 à 06 de **Fevereiro 2026**

CFH - Centro de Filosofia e Ciências Humanas - UFSC

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.